

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DAIANI CRISTINA MORGI

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

EDUCAÇÃO: MINHA VIDA

CAMPINAS
2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DAIANI CRISTINA MORGI

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

EDUCAÇÃO: MINHA VIDA

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS
2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Morgi, Daiani Cristina
M823m Memorial de Formação : educação - minha vida / Daiani Cristina Morgi. --
Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-082-BFE

“... todo mundo ama um dia, todo mundo chora, um dia a gente chega e no outro vai embora, cada um de nós, compõe a sua história, e cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz.”

Tocando em frente (Almir Sater/ Renato Teixeira)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, por iluminar meus passos, e ter me possibilitado alcançar esta formação, me dando saúde e perseverança.

A meu pai Mário e minha mãe Elvira, pelo amor, dedicação, educação e apoio.

À minha irmã Tatiani e seu esposo Júlio, pela ajuda direta e indireta, durante este percurso.

Às minhas sobrinhas, Thayla e Wendy, pelas vezes que souberam esperar e entender minha ausência.

Ao meu noivo Dener, que com muito amor e paciência, me ajudou a ultrapassar as barreiras, que foram se colocando em meu caminho.

A família Ambrósio, que me acolheu no momento mais delicado da minha vida.

A todos os meus amigos, que comigo caminharam e me apoiaram, em especial as meninas da Turma A.

Aos Aps, que com muita sabedoria, me ajudaram a trilhar este caminho.

E não poderia deixar de agradecer à Carmen e Andréa, duas amigas que conheci nesta Universidade, e que sempre estarão no meu coração, adoro vocês.

Aos meus queridos alunos, que são a razão de minha sede de crescimento profissional, muito obrigada!

ÍNDICE

ÍNDICE	5
APRESENTAÇÃO	6
ESTAÇÃO: VIDA, RUMO ÀS CONQUISTAS	8
ESTAÇÃO - SONHO ANGUSTIADO	12
ESTAÇÃO - CASA DOS SENTIMENTOS	16
ESTAÇÃO – DO SONHO A REALIDADE.....	17
ESTAÇÃO – O ENCONTRO DAS ÁGUAS.....	27
A VIAGEM QUE ESTÁ APENAS COMEÇANDO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é resultado de um processo de crescimento e amadurecimento profissional e pessoal, é a conclusão do Curso PROESF- PEDAGOGIA- Programa Especial de Formação de Professores em Exercício, da Universidade de Campinas.

É um memorial, que trata da minha formação profissional. Através dele, relembro e reflito minha prática procurando sempre me apoiar em grandes pensadores como, Philippe Perrenoud, Paulo Freire, Maria Montessori, Jean Piaget, Philippe Áries entre outros.

Para pontuar melhor minhas vivências e minha relação com a academia, dividi meu memorial em pequenas estações. Dou este nome, devido a comparação que faço de minha história com uma pequena viagem, esta que acredito eu, está apenas começando.

A viagem começa pela Estação Vida: rumo às conquistas, nesta estação o leitor encontrará, a história de minha formação inicial, da Educação Infantil, até o ensino médio.

A próxima Estação é: Sonho Angustiado, conto como foi o processo de formação no Magistério.

Esta estação, a qual nomeio: Casa dos Sentimentos, fala sobre um período que para mim, foi especial, minha mudança para a cidade de Artur Nogueira

Na Estação: Do Sonho à Realidade, o leitor viverá comigo a emoção do ingresso na Universidade dos meus sonhos.

Mas como toda rosa tem seus espinhos, na Estação: O encontro das águas, revivo momentos angustiantes de minha formação docente.

E por fim, encerro com o título: A viagem que está apenas começando, como conclusão, pois acredito que a vida é uma grande viagem, e Deus nos reserva muitas estações, em algumas choramos, porém em muitas sorrimos.

E tenho como foco central de minha reflexão, minha identidade docente. Pois esta foi construída ao longo do curso, devido minha idade, o que especificarei no decorrer da narração.

Por este motivo, coloco-me como aluna e professora, aquela que vivencia a crise da Educação do Brasil, e que deixa de aceitar para indagar.

Esta visão foi se concretizando, no decorrer do percurso desta formação, onde viajei por águas calmas e turvas.

Convido então o caro leitor a “viajar” comigo...

ESTAÇÃO: VIDA, RUMO ÀS CONQUISTAS

Quando exatamente, comecei a me interessar pela educação, não sei. O que sei, é que hoje, estou escrevendo sobre minha vida profissional e pessoal também, pois para mim, meu trabalho e minha formação são um pedacinho de mim. Hoje respiro e penso educação.

É muito complicado escrever sobre uma história de vida, principalmente quando nós somos os personagens dela.

Porém, começarei contando sobre minhas lembranças. Tudo de que me recordo, são meus professores, me lembro desde a “tia Denize” da pré - escola, até a “D. Janete”, do Magistério.

Sempre gostei muito dos meus professores, os admirava e respeitava, talvez seja por isso que me decidi por esta profissão, queria ser marcante como meus professores foram para mim.

Sempre procurei ser uma boa aluna, ótima se possível, e este perfeccionismo, me levou a sonhar alto, um dia chegar na UNICAMP. Um sonho tão alto como uma montanha intocável. Enquanto isso não era possível, me preparava. Nunca tive a oportunidade de estudar em um colégio particular, e infelizmente no Brasil, sabemos que há muito preconceito, e este faz com que a camada da sociedade mais humilde, se desdobre para provar que é capaz, e se livre das “previsões”, de que quando crescer, será um marginal.

Mas eu, procurei acreditar que :

“Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em “seres para outro”. Sua solução, pois, não está em “integrar-se”, em incorporar-se” a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se “ seres para si”. (FREIRE, 1987, p.61)

Com este pensamento, sempre tentei me livrar das amarras do preconceito e assim transformar minha realidade.

Quando cursei o ensino fundamental, apesar de nunca ter tido dificuldades, me chateava muito com a forma que a professora nos tratava. Tínhamos sempre que decorar as respostas, nunca podíamos escrever com nossas palavras, qualquer “vírgula” esquecida, era motivo para uma questão errada na prova.

Quando ingressei no ensino médio, esta realidade não se modificou, pelo contrário piorou, meus professores, nunca, mesmo que acreditassem, nos demonstravam pensar como Perrenoud:

“Até o final dos estudos, e mesmo depois, ninguém pode estar certo de que uma falta de excelência escolar manifesta uma verdadeira falta de competência e menos ainda uma real “inaptidão para aprender”. O trabalho escolar é vivenciado por alguns alunos como um trabalho forçado, que fazem para evitar grandes incômodos...” (PERRENOUD, 1999, p.43)

Por este motivo, os alunos não tinham prazer em freqüentar as aulas, isso para mim era muito ruim, pois, na maioria das vezes estes alunos que não freqüentavam, ou assistiam a aula para “atrapalhar”, geralmente eram aqueles que tinham poder aquisitivo, para depois pagar um bom cursinho, para entrar em uma Universidade.

Então, por este motivo entre outros, meu pensamento vai de encontro com o de Perrenoud: “... na medida em que a excelência é o produto de um *trabalho*, o aluno dosa seu esforço em função da necessidade do momento...”, assim, se a avaliação é

contínua, feita ao longo do ano, os alunos terão de se responsabilizar por suas ações, diariamente, e conseqüentemente, o rendimento da aula será maior.

Ao contrário disso, a educação “tinha” um caráter bancário. Paulo Freire discorre sobre este caráter em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, e coloca que esta concepção de educação se limita a um ato de depósito de um saber pré-fabricado. Portanto, via o aluno como um banco, onde depositava-se o conteúdo, e a “missão” do professor já estava cumprida. Isto, fazia com que houvesse muita evasão dos alunos, afinal, nossas aulas eram narrativas, e nós precisávamos decorar de forma mecânica, aquele conteúdo narrado pelo educador. Assim, o educador era o melhor, na medida que, maior número de “recipientes” eram preenchidos por ele.

Também, não posso me esquecer de discutir, que a política neoliberal, é alimentada, à medida que os cidadãos são “educados” de forma mecânica, pois não terão uma visão crítica, para poderem se defender e lutar pelos seus direitos

O Neoliberalismo é o pior golpe já vivenciado, pois foi muito bem planejado. Esta política faz com que a pessoa invista em sua própria educação, tornando-se individualista, e forma uma competição entre os indivíduos, fazendo com que procurem sempre se “reciclar”, para que possam competir com as outras pessoas para adentrar no mercado de trabalho.

Esta política neoliberal, faz com que as pessoas assumam uma culpa diante de situações que na verdade não são delas, enquanto as pessoas acreditarem que a culpa está no indivíduo, estarão cada vez mais favorecendo o neoliberalismo.

Desta maneira, as pessoas vão ficando cada vez mais cansadas, chegando a evoluir doenças como estresse, traumas, entre outras. Muitas pessoas chegam a

procurar livros de auto ajuda, que na verdade são lançados para reforçar a idéia de que tudo está muito bem, “o problema está em você”, ou seja a culpa se torna individual.

Assim, o quadro crítico em que nos encontramos, quando pensamos em educação, se estende a todos os outros órgãos do setor público, agravando ainda mais a situação.

Minha visão sobre estes aspectos, na realidade, só começaram a se estruturar melhor após meu ingresso na Faculdade, o que estarei comentando mais adiante.

ESTAÇÃO - SONHO ANGUSTIADO

“Na visão bancária da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber... (FREIRE, 1987, p. 58).

Quando ingressei no ensino médio, cursei apenas o primeiro ano e no segundo passei a fazer Magistério, foi então que comecei a entender, o porque que a educação, “era” (ainda permanece) bancária, a visão que minha professora tinha sobre nossa formação era exatamente esta, um depósito contínuo de conteúdos, onde ela era a detentora do saber.

Desta forma, em lugar de comunicar, minha professora fazia comunicados, que nós recebíamos, memorizávamos e reproduzíamos, assim, ela mantinha a educação bancária, que serve para a dominação e anestesia o conhecimento, a criatividade e a criticidade.

Esta professora era muito experiente, por este motivo, era a primeira professora que escolhia aulas no Estado. Assim, ela ficou responsável por mais da metade das disciplinas, de nossa grade curricular. O que significa, que minha formação de nível médio normal, foi muito vaga.

A professora acreditava que estava depositando todo seu conhecimento em nós, meros vasos. Desta maneira, nós fomos formados para reproduzir a mesma educação, que à nós foi ensinada.

Mas, eu com toda minha sede de conhecimento, estava sempre em contado com livros, e tinha a noção de que aquele tipo de formação, já não bastaria.

Foi então, que em 2.000, quando cursava o segundo ano do Magistério, fiz inscrição na minha cidade, Cosmópolis, para participar de um estágio remunerado, fui selecionada e comecei no meu primeiro emprego, pois até aquele momento só estudava.

Me recordo, que para mim, foi muito doloroso este processo, apesar de meu interesse e estudo, pois como nunca havia trabalhado, me deparei com uma diretora enérgica. Em uma certa ocasião, fui humilhada, ela sentou-se comigo e começou a ler uma “cartilha”, do que seria um bom professor, desmerecendo assim todo o meu esforço e trabalho, pois ela dizia que eu não sabia muita coisa, pois não tinha experiência, afinal ela precisava reproduzir a idéia de que somos vasilhas, e que devemos ser preenchidas com o conhecimento, e esta “cartilha” continha todos os passos de ser o reprodutor da educação bancária

Neste dia, voltei para minha casa em prantos, e meus pais quando me viram, no mesmo momento queriam, que eu fosse pedir demissão, pois eu não precisava passar por aquilo.

Porém, eu com toda minha falta de experiência, e meus 17 anos, não aceitei , esta visão dos meus pais, e usei de minha perseverança e meu perfeccionismo, para provar a todos que era e sou capaz, é claro que fiquei abalada porém, não desisti, e fui em frente.

Foi nesta creche, que tinha uma visão assistencialista, o que especificarei melhor no decorrer do trabalho, que comecei a dar meus primeiros passos como educadora, cuidava de crianças de 2 à 4 anos, e realizava com elas um trabalho de recreação. Meu contrato, acabou neste mesmo ano, porém esta experiência, foi maravilhosa, propicio-me reflexão sobre a teoria, que eu via na escola e minha prática,

e também, a enxergar a criança como um ser ativo e pensante, e não como mero receptor de informações.

No último ano do Magistério, participei dos estágios, em escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Me lembro, que muitas professoras, nos recebiam muito bem. Quando estagiei na educação infantil, o trabalho da professora Viviane me encantou, era tanta dedicação que o ambiente escolar tornava-se aconchegante, e familiar. As crianças eram amadas, educadas e a individualidade de cada criança era respeitada, toda rotina do dia era pensada na criança como objetivo central do processo de aprendizado.

Este trabalho, era feito de forma que respeitava o desenvolvimento afetivo, o que segundo Piaget, “a criança terá simpatia pelas pessoas que respondem aos seus interesses e que a valorizam”. (ASSIS, 1996, p.91)

Esta valorização, faz com que a criança, se sinta querida, e o trabalho flua de forma natural. Isto acontece, até mesmo, nas nossas relações pessoais, e quando não há uma simpatia, o trabalho torna-se difícil e esgotante.

O trabalho desta professora, e de outras, me fez ficar apaixonada pela educação infantil, tanto que no final de 2001 me inscrevi no concurso público para professora de Educação Infantil, na cidade de Artur Nogueira, e não me imaginava lecionando para crianças de Ensino Fundamental.

Quando fiz a prova, ainda estava freqüentando as aulas, e minha formatura seria no dia 23/12, o resultado da prova saiu, no dia 19/12, e para minha surpresa e felicidade, fui a primeira classificada, não acreditava, pois como ainda não tinha muita experiência, a não ser o estágio na creche, achei que seria difícil.

Mas de repente, me lembrei que ainda não estava formada oficialmente, me faltava o principal: o diploma. Quando tínhamos que entregar os títulos, para a contagem de pontos, me desesperiei, pois se a entrega fosse para antes do dia 23/12, eu acabaria perdendo a vaga, que conquistei com tanto esforço, então, fui conversar com a supervisora de ensino da minha escola, para ver se conseguiria meu diploma antes daquela data da formatura, pois como todos os meus professores já haviam confirmado, eu não tinha problemas algum com notas ou frequência.

No entanto, como existe um processo legal, fiz um requerimento e este foi levado até a Secretaria de Educação em Limeira, e foi negado.

Neste momento, vi minha alegria se transformar em desespero e ansiedade, pois minha esperança era que a data de entrega fosse para depois do dia 23, minhas lágrimas tornaram-se densas nuvens de escuridão e então quando saiu o edital, por sorte e ajuda divina, a entrega foi marcada para o dia 27/12, então o sol brilhava como nunca, finalmente eu conseguiria assumir minha sala.

Minha formatura, então, teve um gosto de vitória, pois eu com apenas 18 anos, já tinha conseguido um cargo efetivo e uma sala de aula sob minha responsabilidade.

No dia primeiro de fevereiro de 2002, comecei trabalhar. No início, foi muito difícil, pois estava fora de minha cidade, morando longe de meus pais, pois vimos, eu e minha família, a necessidade de eu passar a morar na cidade de Artur Nogueira, pois ainda não dirigia.

ESTAÇÃO - CASA DOS SENTIMENTOS

Morei em Artur, com meus tios, que foram verdadeiros pais. Minha tia Regina, me fez relembrar o texto que trabalhamos na disciplina de educação Infantil, “O mito do amor materno”, da autora Elizabeth Badinter, que diz que o amor de mãe é construído, ao contrário do que sempre se ouviu dizer, que o amor de mãe é natural.

Badinter questiona, sobre os diversos acontecimentos de abandono de criança, pela própria mãe, dizendo assim, que este amor é construído no dia a dia, dependendo da época, circunstâncias materiais, enfim, depende das variações sócio - econômicas da história, e neste período, eu e minha tia, construímos um amor imenso de mãe e filha. Porém, sofri muito por estar longe da minha casa, mas cada “tijolinho” de amor, carinho e solidariedade, solidificaram uma relação de amor eterno, entre nós.

As pessoas que encontrei na cidade e na rede municipal, por sua vez, foram solidárias comigo, muitas vezes, senti um certo preconceito e acredito até mesmo desprezo, por eu ser inexperiente.

Mas, com paciência e persistência, fui conquistando meu espaço, mostrando a todos que somos capazes, independente da idade, desde que tenhamos vontade de realizar um bom trabalho.

ESTAÇÃO – DO SONHO A REALIDADE

Neste ano de 2002, trabalhei com crianças de 5 anos, em na EMEI¹ Regina Aparecida Pozzi, com mais três professoras, foi um ano de muitas alegrias. Neste período tive a oportunidade de trabalhar, da forma que sempre havia almejado, respeitando a individualidade da criança, e observando a maneira pela qual as crianças se relacionavam, procurando propiciar à elas, várias oportunidades de se desenvolverem de forma prazerosa.

Sempre procurei levar até elas, muitos jogos e brincadeiras, me “policiando”, para nunca expô-las a situações humilhantes, como por exemplo exposições desnecessárias e negativas sobre certas dificuldades de compreensão, como pelas quais eu já havia passado, dessa forma procurava, desenvolver uma maior proximidade entre nós, e na relação das crianças.

Piaget, discute o desenvolvimento afetivo, e diz que:

“Se quisermos favorecer o desenvolvimento afetivo é preciso criar na escola um ambiente livre de tensões, em que seja permitido à criança escolher a atividade que quer realizar, decidir sobre a melhor maneira de realizá-la e participar das decisões que orientam a organização da classe. À criança deve ser dada a oportunidade de manifestar livremente seus sentimentos e emoções.” (ASSIS, 1996, p.93)

Concordo, em absoluto com Piaget, pois um ambiente favorável ao aprendizado, deve ter como alicerce, o amor, a atenção e acima de tudo, a vontade e o prazer pelo trabalho. Sem isso o trabalho não fluirá, e conseqüentemente a criança não sentirá vontade de fazer parte deste ambiente.

¹ Escola Municipal de Educação Infantil.

Neste ano, tive muita sorte, minha turma era ótima, o ambiente e minhas amigas foram acolhedoras e se não bastasse, consegui o ingresso na Universidade dos meus sonhos. Em Maio de 2002 surgiu a oportunidade, desta formação. Minha coordenadora, ligou, para me avisar sobre o processo seletivo, que haveria na Unicamp, devido um convênio feito com as prefeituras da região metropolitana de Campinas, para possibilitar aos professores uma formação acadêmica.

Um processo que eu acho muito interessante, é que eu construí minha prática, concomitante à Universidade, pois havia somente 4 meses, que eu lecionava, e isso me fez muito bem.

E me permitiu pensar a criança como ser único, e não a ser “devorada” pelo pessimismo que rodeia a educação, e faz com que algumas professoras que já estão no trabalho efetivo há alguns anos, se desmotivem, e olhem a educação com um olhar derrotado.

No momento do telefonema, não pensei muito, pois o curso atenderia toda a minha necessidade, seus objetivos de formar profissionais de ensino, sua perspectiva da construção de uma cidadania consciente de seus direitos e deveres, e ativa na sociedade, o que permite com que ela posicione-se frente às transformações em curso, sempre foi meu desejo de formação, então fiz minha inscrição. Estudei muito, pois estaria concorrendo com mais centenas de pessoas, muito mais experientes que eu. No dia da prova, adiei uma viagem, que havia programado com minha mãe, e fui para a Universidade.

Em meu período de Ensino Médio, eu e meus colegas, sempre cogitamos a possibilidade de cursarmos a Unicamp, porém quando fui para o Magistério, distanciei-me dos colegas, mas não do sonho.

Quando comecei a fazer a prova, não percebi a hora passar, quando percebi, já havia se esgotado o meu tempo. Este foi um dos dias mais ansiosos de minha vida.

Assim que o resultado foi divulgado, minha emoção foi tanta, que eu não sabia se chorava ou se sorria, enfim passada a emoção, comecei a tomar minhas atitudes, qual condução tomar, acertar meus horários, e é claro fazer minha matrícula.

O meu primeiro dia de aula, foi chocante, eu sozinha, em um lugar tão grande, e tão desejado, me causou espanto. Porém, Deus nunca me abandonou e colocou em meu caminho, pessoas abençoadas que me estenderam as mãos.

As primeiras aulas me assustaram, pois já eram feitas discussões, onde minhas colegas, falavam sobre suas experiências, e eu ainda temia, dizer que só tinha alguns meses de prática para compartilhar com elas. O meu pouco era praticamente nada, diante de tantos anos de magistério da maioria da turma.

Porém, o tempo foi passando, e eu consegui me colocar, e fazer parte da turma, ninguém nunca me menosprezou, pelo contrário, sempre me ouviram e me ajudaram.

Foi a partir do dia que ingressei na faculdade, que comecei a perceber, o quanto, precisava mudar e melhorar, minha prática e minha visão. Foi aqui que eu consegui enxergar a educação de forma transparente, seus véus, foram e ainda estão sendo retirados.

Até esse momento, eu agia de forma intuitiva, procurava atender as necessidades dos meus alunos, porém não tinha muito a percepção que tenho hoje. Agora, consigo, visualizar e detectar, quando as ações tomadas pelo governo vão à

favor da criança ou dos cofres públicos, quando os discursos são verdadeiros ou mais um na coleção de tantas atrocidades cometidas neste país.

Lecionar para mim, era muito bom, mas foi a partir do momento que comecei a refletir sobre a educação, que passei a entender qual o meu papel como educadora, o porque, na cidade em que leciono, muitas professoras resistem à mudanças, e fazem de conta que tudo está bem, ignorando o problema, alimentando, o discurso neoliberal.

É isto o que acontece na cidade em que trabalho, muitos fazem de conta que nada acontece, e este comodismo, para mim, é um grande problema, e foi pensando nisso, que comecei a colocar-me diante das pessoas.

Em todas nossas reuniões, sempre discuti, sobre o verdadeiro papel da educação infantil, o de oferecer a criança oportunidades de se desenvolver de forma lúdica, possibilitando assim que ela tenha prazer em suas ações, respeitando sua individualidade. Até aquele momento eu, apenas cumpria com o que me mandavam, e acabava agindo contra o que realmente deve ser protegido os direitos da criança, em contrapartida procurava escapar das amarras do neoliberalismo, que está presente em nosso cotidiano.

Passado alguns meses de aula, quando já possuía um pequeno embasamento teórico, comecei a discutir, e questionar mais, sobre alguns assuntos.

Muitas coisas, foram me surpreendendo no decorrer do curso, pois como faço parte de uma rede pequena de educação, para nós muitas coisas são normais, mas foi no momento de interação, troca e discussão, que percebi que nossa cidade está ainda “engatinhando”.

Nossos momentos de discussão no curso, foram ricos, pois foi a partir deles que comecei a “brigar”, pelos direitos que nós também temos, mesmo fazendo parte de uma pequena cidade.

Um dos momentos que, me chamaram muito a atenção, foi quando fizemos a disciplina de Planejamento e Gestão Escolar. Esta disciplina, me alertou muito sobre nossa realidade, tanto que eu senti a necessidade de escrever um artigo sobre a Gestão, em Artur Nogueira.

Nós ainda, denominávamos como administração, e isto também era uma das formas que me incomodavam, a escola não é uma empresa, pelo menos não deveria ser. E então deve ser respeitada como um lugar onde a criança desenvolve seu lado cognitivo, psicomotor, enfim um ambiente, para ajudar a criança crescer, com liberdade e responsabilidade.

Isto se torna difícil, pois a escola, sempre refletiu o modelo de organização do período pré-globalizado, onde deixa claro a distinção dos que pensam, e dos que executam, não fugindo portanto, da educação bancária, já comentada. Neste caso, os diretores pensam, e os professores executam, fazendo com que os alunos executem, o que foi planejado pelo diretor, e até mesmo pelo professor, quando se trata da relação aluno/professor.

Porém, muitos discursos, fazem com que a população, acredite que esta seja a melhor forma de se organizar a educação, ignorando que os indivíduos são diferentes, e que devemos respeitar sua individualidade, nesta forma de se pensar a educação, procura-se colocar as pessoas em uma “forma”, e transformá-las em “robozinhos” que farão, tudo o que o sistema quer que façam. Assim, temos novamente o discurso neoliberal, que desmobiliza a sociedade.

É muito contraditório, algumas ações, por exemplo: muitas vezes, quando se discute a educação, e suas dificuldades, coloca-se a família, como sendo um problema, pois não participa da comunidade escolar, desta forma faz-se projetos, para chamar a família para a escola, porém quando esta começa a participar, arruma-se uma forma de transferir a responsabilidade do governo sobre a educação, para a comunidade. Assim, a família se aproxima da escola, e quem se distancia é o governo

Isto gera muitos conflitos, para todos os integrantes desta formação, pois não está definido para a população qual, é o fazer de cada um, no processo de aprendizado.

Isto, pude presenciar, no ano de 2003, quando passei a trabalhar em outra escola, da cidade. O bairro, em que a escola se situa, é periferia, e recebemos alunos de todos os níveis de classe social.

A família, neste bairro, é muito ausente, existe muitos casos de violência doméstica, entre outras coisas. Quando trabalhei nesta escola, senti que a família, transferia para nós escola, suas responsabilidades, a alimentação, e principalmente o cuidar e educar.

Isto, acabava prejudicando, o trabalho pedagógico, pois nosso trabalho se voltava para o assistencialismo. Este assistencialismo, discutirei mais adiante, após pontuar alguns momentos da infância, que para mim, foram essenciais, no curso.

A criança passou por muitos momentos sofridos, até alcançar e ser vista hoje como uma criança, que deve ter oportunidade de se desenvolver em um ambiente agradável, se socializar com outras crianças, brincar e se divertir.

Ariès, discorre sobre isso de forma emocionante, “a passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade.” (ARIÈS,1981, p.10)

Neste trecho, o autor fala da criança e seu envolvimento com a família e a sociedade. Isto porque nos séculos XVI e XVII a sociedade via mal a criança, esta era logo mistura ao mundo adulto, transformando-a assim em um adulto em miniatura, nesta época a criança trabalhava e participava das atividades dos adultos.

Isto era muito natural, mas houve um período em que começou a surgir um sentimento muito superficial, e que foi chamado por Ariès, de paparicação. Este sentimento fez com que a sociedade, passasse a ver a criança como uma coisa engraadinha, e todos gostavam de vê-la.

Mas, este olhar não foi suficiente para dar a criança, a total atenção que merecia, ela era criada fora do seio familiar, por amas e até mesmo por outras famílias.

Esta família, que acabava recebendo a criança, no entanto, também era composta de forma fria, o amor, dificilmente habitava os lares.

No final do séc. XVII, houve uma mudança neste quadro, com a ação da escola sobre a sociedade, a aprendizagem acabou por ser considerada como uma forma de educação, e a criança passou a aprender na escola, e não mais somente com os adultos, como antes.

A escola, era vista como um modo de distanciar a criança do adulto, tamanho era o “preconceito”, e a negação desta fase do desenvolvimento humano.

Porém, a partir dos séc. XIX e XX, a criança começou a ser “valorizada”. Nesta época, os pais começaram a se interessar mais pelo acompanhamento do estudo de

seus filhos, e a criança passou a ser o centro da família, e atualmente, sua perda é inaceitável.

Ao contrário, dos tempos passados, onde ocorriam muitos infanticídios, abandono de crianças, chegando, às vezes, levar a criança à óbito, devido o lugar em que era deixada.

Por ter se tornado rotina este abandono de crianças, surge a Roda dos Expostos, local, onde as mães deixavam seu filhos para serem cuidados e alimentados pelas amas de leite.

No começo estas rodas, recebiam crianças abandonadas, depois passou a cuidar de crianças por um período do dia determinado, e assim foi se modificando até tomar para si o modelo de assistencialismo, as creches são heranças dessa roda dos Expostos, mas discutirei sobre elas mais adiante.

Enfim, este são apenas alguns momentos que marcaram a infância. Felizmente, hoje temos uma realidade muito diferente, nossas crianças, são “protegidas” pelo ECA –Estatuto da Criança e do Adolescente, que no artigo 2º,

“Art. 2º - Considera-se criança, para efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade.”
(ECA, 2003, p.13)

Assim, nós cidadãos necessitamos curvar-nos sobre as leis que protegem estas crianças, para que possamos sempre protegê-las dos infortúnios da vida.

Pois, no decorrer dos dias, os momentos e as situações vão passando, fazendo com que as pessoas esqueçam realmente qual é o valor e necessidade de uma criança.

Antigamente, como já citado, a criança era vista com um adulto em miniatura, vestiam-na desta forma, cobravam dela condutas de adultos, e assim, impossibilitavam que crescessem e se desenvolvessem naturalmente.

Hoje, isso não acontece mais desta forma, porém, em alguns casos, a infância é destruída pela triste realidade que a criança vive: fome, sede, sono, frio, injustiça, drogas, exploração sexual entre tantas outras atrocidades.

Isto tudo, faz com que a criança emancipe seu processo de crescimento, e se encontre, por exemplo, em semáforos, oferecendo doces e trabalhando, para dar sustento a sua mãe e aos irmãos, quando não já se encontra no mundo do crime e das drogas.

Estas crianças, possuem todo este histórico já comentado, porém, uma conquista destas crianças e adolescentes, é o Estado da Criança e do Adolescente, que no capítulo IV, destina seu olhar à Educação:

Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;

V – acesso a escola pública e gratuita próxima de sua residência. (ECA, 2003, p. 24)

E fala ainda em parágrafo único:

“Parágrafo único: É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.” (ECA, 2003, p.24)

Refletindo sobre tudo isso, às vezes me sinto em um jogo muito perigoso. Como pode existir tantas contradições?

O ECA, dá os direitos às criança, que são mais do que justos, porém, esta justiça é feita para poucos. Após, trabalhar na escola, que citei anteriormente, lecionei em uma creche, de periferia, e neste período senti na “pele”, todas as injustiças, dificuldades, necessidades de uma criança esquecida “pela vida”.

Atualmente me encontro nesta mesma creche, e me deparo com situações conturbadas. Depois de tudo que vivi e aprendi na Faculdade de Educação, ainda encontro pessoas que cuidam das crianças sem nenhum vínculo afetivo, ainda encontro um ambiente, que para mim não passa de um “depósito de crianças”, pois elas são deixadas pelos responsáveis, que muitas vezes são parentes, para que estes possam trabalhar a procura do sustento para todos.

Muitas de nossas crianças, não conhecem suas mães, pois estas em um momento da vida, tiveram a infelicidade de abandonar seus filhos ou, o destino assim quis, fazendo com que deixassem aquela criança órfã devido uma moléstia ou DST.

Minha situação agravou-se mais quando, no ano de 2004, Deus colocou em meu caminho, mais uma provação: vivenciar dois mundos.

Estes dois mundos, que são tão diferentes em dimensão, cultura, olhar, enfim não se cruzam, são como o encontro de águas turvas e calmas.

E eu me vi neste encontro: ESCOLA PÚBLICA X ESCOLA PARTICULAR.

ESTAÇÃO – O ENCONTRO DAS ÁGUAS

No final de 2003, fui convidada a substituir uma professora, que passava por dificuldades pessoais, em uma escola particular na cidade de Cosmópolis. Neste ano, eu já havia voltado a morar com meus pais.

Esta escola, me fez uma proposta de assumir a sala no ano seguinte 2004, e eu aceitei. Então, a partir daquele momento comecei a me preparar, para triplicar meu dia: de manhã escola particular, à tarde escola pública e à noite UNICAMP.

Enfim, no começo me senti péssima, parecia que não daria conta de tantos afazeres, mas o pior ainda estava por vir: o choque de idéias, entre os dois setores, e o choque de pensamentos que eu já havia formado durante o curso, e que não é a linha de pensamento da escola, para a qual eu estava trabalhando.

Esta escola, leva o nome de uma grande pessoa, Maria Montessori. Assim, o método da escola é montessoriano, e eu assumi uma sala de Educação Infantil, de idade mista, de 2 anos à 6 anos.

Como foi desesperador, eu, achava, que entendia tudo sobre o método, porém, conhecia apenas a teoria Montessoriana, e não conseguiria reverter-la para a prática.

Era necessário, ir além, ainda não podia deixar de lado, de forma alguma, meus alunos de periferia da cidade de Artur Nogueira, e muito menos meu curso de Pedagogia da Unicamp.

Então, me muni de forças, esperança, coragem, certeza, e muita fé, enfim, tudo o que há de bom para ultrapassar mais este momento da minha profissão, da minha vida.

Quando recebi meus alunos, nesta unidade escolar, fiquei encantada com a possibilidade de trabalhar em um lugar, onde meu trabalho seria valorizado, onde as crianças estavam “cientes” de qual era o fazer daquele ambiente que estavam.

Meu coração ficava apertado, a cada dia em que chegava na creche, e vivia aquela realidade, de um lado encontrava respaldo, de outro desprezo.

Me lembro como foi ilusório minha visão de que eu não me deixaria influenciar pela diferença, pura ilusão.

Quando eu comecei o trabalho de alfabetização com os meus alunos da escola particular, pensei que iria enlouquecer, que método interessante, mas ao mesmo tempo para mim, que não estava habituada, aquilo foi difícil.

Fui então convidada a participar de um curso na cidade de São Paulo, para me especializar no método. Quando cheguei no curso, só conseguia pensar nos meus queridos alunos de Artur Nogueira, que nunca imaginaram tanta diversidade de materiais, brinquedos, jogos e tanta oportunidade.

Minha maior vontade, era levar aquele mundo para eles, mas como?

Então, quando voltei do curso, já me senti mais preparada para realizar meu trabalho na escola, e me orgulhar de mais uma conquista.

O método montessoriano, me encantou pois tem como princípios básicos tudo o que eu acredito: respeitar o ser como único, levar a criança a conquistar a ordem, a disciplina, e assim tornar-se um ser humano livre.

O ambiente de trabalho, possibilita à criança o movimento com o corpo durante toda e qualquer atividade, pois trabalhamos com tapetes, materiais de madeira, que a criança está em contato a todo momento.

É a partir destes materiais que se dá o aprendizado, a criança tem contato com o sólido, o material didático é variado e versátil, e está a serviço do educando, cada um com sua finalidade específica.

Com ele, a criança tem oportunidade de desenvolver o seu potencial criativo, o raciocínio através das experiências que com ele executa, pois cada material transmite uma mensagem, estimula a iniciativa e o leva à independência.

Este trabalho faz com que “as crianças preocupam-se pouco com a importância da tarefa; sentem-se satisfeitas quando dão o máximo de que são capazes e não se vêem excluídas das possibilidades de exercitar-se, que o ambiente lhes oferece”. (Montessori, 1965, p. 84)

Ao contrário do que vejo na instituição pública, onde a criança, se vê obrigada, (isto quando o educador assim mantém) a permanecer por 4 ou mais horas, em uma minúscula sala, sentada em uma cadeira desconfortável, e ainda se não bastasse, não pode nem se quer olhar para os lados.

Isto, para mim, é uma crueldade, pois eu que trabalho de forma que procuro proporcionar à criança, um desenvolvimento físico, juntamente com o cognitivo, não imagino como uma criança pode se desenvolver amplamente em uma situação como esta.

Não é necessário, pontuar este método, para se pensar isso. Atualmente, estou tendo o prazer de assistir e participar da disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Educação Física, onde fica claro, esta necessidade de movimento, principalmente tratando-se de uma criança na Educação Infantil.

A criança na Educação Infantil, sente necessidade de se movimentar, e é impossível obrigá-la a ficar durante quatro ou cinco horas sentada em uma cadeira

desconfortável e dentro de uma sala fechada, e continuarmos assim a reproduzir a educação bancária já citada.

Benjamin, vai de encontro ao que eu já citei no começo desta narração, “ é preciso repensar o processo educacional. É preciso preparar a pessoa para a vida e não para o mero acúmulo de informações”. (BENJAMIN, 1984, p. 5)

Isto nos leva a repensar se a educação deixou de ser bancária. Não é possível, que no séc. XXI, ainda exista profissionais, que tenham esta visão.

Nossos alunos, estão em contato direto com a mídia, que coloca como perfeito o corpo malhado, a mulher e o homem de face bonita, como se nosso povo, tivesse a obrigação de seguir aqueles exemplos.

São propagandas, novelas, discursos, programas de auditório, que procuram fazer uma lavagem cerebral na população. O mundo midiático, inibe a criatividade da criança, a faz ficar presa em frente a uma “realidade”, distante da dela.

É claro que não posso generalizar, pois toda generalização é ignorante. Algumas redes de televisão procuram, levar até seu público uma cultura, porém não é a maioria.

Sem me esquecer ainda, das música e grupos, que hoje são aclamados por nossos alunos, e até imitados nos programas de TV.

Então, como nós podemos fechar os olhos para esta realidade, e continuarmos com o pensamento de que a criança é atraída para a escola, e que vai com muito prazer?

Isto é ilusão, pois ela deixa em casa todos estes prazeres, que hoje fazem parte da “moda atual”, para ficarem atrás de mesas sentados ouvindo o professor, que acredita ser o detentor do saber.

Isto eu falo com propriedade, pois meus alunos da creche, se vestem de forma imprópria para a idade, cantam músicas com palavras obscenas, enfim, reproduzem tudo o que há de ruim na mídia, pois não possuem em casa uma orientação a respeito disso.

Então eu como educadora, procuro levar para eles, brinquedos e brincadeiras, jogos, danças folclóricas, músicas e histórias, enfim, procuro fazer com que pelo menos no período em que estão comigo, conheçam e aprendam a gostar de outras coisas.

Por acreditar, que, se não forem apresentadas realidades diferentes, a criança não terá a oportunidade de escolher, o que é melhor para ela.

Esta realidade, já não acontece, com muita frequência, na escola particular, pois, as crianças já possuem uma orientação que vêm da família, a maioria. Pois, é claro, que também não são todas, da mesma forma que não são todas as minhas crianças da creche que são induzidas pela mídia, como citado acima.

É necessário, acredito, deixar claro, que não me refiro, a educação particular como perfeita, pois também não é.

Aquele ideal de família nuclear, de muito tempo atrás, que coloca como a família perfeita aquela composta por mamãe, papai e filhos, não é minha realidade nesta escola, acredito que deixou de ser há algum tempo na sociedade em geral, da mesma forma que meus alunos da creche não são todos filhos de pais ausentes.

Mas, tudo isso, para mim no começo foi muito estranho. Em um ambiente, tinha o material a vontade para realizar meu trabalho, e acompanhamento de especialistas na área de psicologia, fono, entre outros, no outro, me faltava tudo isso.

Então, foi neste momento que comecei a analisar todo o histórico da educação, e percebi, que por este motivo, muitos professores, abrem mão da real função do educador, que é a de mediar a criança neste processo tão bonito, que é o aprender.

Em uma das aulas, nesta Universidade, em uma de nossas discussões, nossa AP Beatriz, responsável pela disciplina de Educação Especial, nos disse uma frase, que para mim, hoje é um lema: “É muito fácil, lidar com o bom (fácil), o difícil é vencer a dificuldade e depois olhar para trás e dizer EU CONSEGUI”.

Por esta frase, hoje, penso e repenso minhas ações diariamente, e procuro assim, vencer a dificuldade, para olhar amanhã para trás e dizer com muito orgulho: EU CONSEGUI.

A VIAGEM QUE ESTÁ APENAS COMEÇANDO

Agora, faço desta estação, não o fim da viagem, mas apenas o começo.

Neste memorial, revivi alguns momentos da minha pequena caminhada, mas que já me trouxe muitas alegrias.

Foi neste curso, PROESF, que eu vivi, o que realmente, posso chamar de Educação. A experiência de envolver nossa prática, com as inúmeras teorias da vida acadêmica, não que este curso seja o “salvador da pátria”.

Muito pelo contrário, por sermos a primeira turma, passamos por dificuldades imensas, tanto na organização quanto a aceitação.

As meninas do curso “normal”, desejo apenas que possam um dia entrar pelas portas do fundo de uma Universidade conceituada, e que saiam dela, como nós estamos saindo, pela porta da frente, carregando uma bagagem imensa.

Dentro de nossa bagagem, está toda a esperança de um futuro educacional melhor, e a certeza de que um dia estaremos, mais unidas do que já estamos, pois fazemos parte de uma mesma Universidade, em um ambiente de trabalho, onde nosso objetivo maior é a EDUCAÇÃO de nosso povo.

Sei ainda, que por termos sido o primeiro grupo, com certeza, os próximos, sairão desta Universidade, com o dobro de nosso conhecimento, o que só somará à nossa vontade de mudança.

Eu e minhas colegas que comigo compartilham destes anos de luta, estamos cientes, que agora, é a nossa vez de propagar a certeza de que a educação tem jeito.

Nesta nova história que está para começar, os excluídos que hoje são denunciados pela triste realidade histórica, terão força, pois existirá nesta classe de trabalhadores, uma consciência crítica e política, que será mediada por nós PROFESSORES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora. Rio de Janeiro: Flaksman. Zahar Editores, 1981. (2º ed.).

ASSIS, Orly Z.Montovani. **PROEPRE – fundamentos teóricos e prática pedagógica para a educação pré-escolar**; Unicamp, Campinas – SP, 1996.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado – o mito do amor materno**. Trad. Waltensir D. .Editora Nova Fronteira. (7º ed.).

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. / Walter Benjamin; [tradução de Marcus Vinicius Mazzari; direção da coleção Fanny Abramovich]. – São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Centro de Documentação e Informação Coordenação de Informação, 2003. (4º ed.).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**; 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GENTILI, Pablo A. A.A **“nova” direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia**, in Neoliberalismo, qualidade total e Educação.

MONTESSORI, Maria. **Pedagogia Científica – a descoberta da criança**. Trad. Aury Azélio Brunetti. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1965.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Philippe Perrenoud; trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.